

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO ENTRE JOVENS MULHERES E JOVENS HOMENS NO MOVIMENTO HIP HOP (RAP E BREAK) EM TERESINA/PI.

Adriana Loiola do Nascimento (Bolsista-PIBIC-CNPq/UFPI), Daniella Oliveira Silva (Bolsista-PIBIC-CNPq/UFPI), Maria do Carmo Alves do Bomfim (Orientadora, Depto de Fundamentos da Educação-DEFE).

Este trabalho é oriundo das observações e constatações efetivadas durante a pesquisa **Juventudes, Música e Estilos: construção de uma Cultura de Paz pelos grupos de Rap e Break em Teresina-PI**. Este estudo desenvolveu-se no período compreendido entre julho de 2010 a agosto de 2011, objetivando, dentre outros aspectos, compreender a influência dos estilos culturais juvenis *Rap* e *Break* para a construção de uma Cultura de Paz no interior de cada grupo pesquisado e nas comunidades onde vivem seus protagonistas, com base na análise de suas produções musicais e da dança. Em nossas idas às comunidades, bailes e encontros com os grupos, percebemos que a maioria dos integrantes do Movimento *Hip Hop* teresinense é do sexo masculino. Daí derivaram-se algumas indagações, tais como: por que a predominância do gênero masculino no Movimento *Hip Hop*? Qual o papel assumido pelas mulheres dentro desse Movimento? Se as mulheres fossem as protagonistas do Movimento *Hip Hop*, quais seriam as principais mensagens expressas por elas? A escassez de mulheres nas práticas juvenis *hip hopianas* seria falta de interesse feminino? Como são construídos os espaços de participação e efetivação feminina e masculina dentro do Movimento *Hip Hop*? Que símbolos caracterizam o “ser homem” e o “ser mulher” dentro das práticas culturais *hip hopianas*? Quais os papéis desempenhados pelas mulheres e pelos homens dentro das práticas do movimento *Hip Hop*? Visando responder tais anseios, buscamos neste trabalho analisar a Construção das Identidades de Gênero nas Práticas Culturais *Rap* e *Break* do Movimento *Hip Hop* Teresinense. Neste aspecto, para a consolidação da pesquisa, contamos com a colaboração de quatro grupos juvenis, dois de *Rap* e dois de *Break*, respectivamente assim definidos e situados: grupo de *Rap* “A Irmandade” atuando na vila Bom Jesus e bairro Areias (popularmente denominado Vila Afegão), zona sul da cidade de Teresina-PI, grupo de *Rap* “Afronto”, que atua no bairro Parque Piauí, zona sul da cidade, grupo de *Break* “Bomber Crew” agindo no bairro Dirceu Arcoverde I, região sudeste de Teresina e grupo de *Break* “Old Style” que também desenvolve suas atividades no bairro Dirceu Arcoverde I. Para que os objetivos fossem alcançados, foi necessário o planejamento de algumas estratégias metodológicas. Flick (2004) nos diz que é a complexidade dos objetos e fenômenos em estudo que irão determinar a escolha do método a ser utilizado e não o contrário. Partindo deste preceito, acreditamos que os procedimentos da pesquisa qualitativa sejam os mais viáveis e compatíveis frente ao que nos propusemos a estudar. Neste sentido, foram estudadas, observadas e analisadas as práticas juvenis, as relações, os papéis e os conceitos estabelecidos entre jovens homens e jovens mulheres praticantes da música *Rap* e da dança *Break* teresinense, por meio de três instrumentais de coleta de informações: a observação, a entrevista semi-estruturada e o diário de campo. Melucci (2005) nos aponta que a pesquisa qualitativa trabalha associando tanto dados quantitativos (objetivos) quanto qualitativos (subjetivos), significando com isso que, mesmo em informações estatísticas e nas falas dos sujeitos de um universo estudado, há significados que não somente o pesquisador interpreta (significa ou ressignifica), mas também os próprios atores sociais

do contexto investigado dão sentido à sua realidade. Para a geração dos dados, o enfoque assumido foi etnográfico, que para além da busca dos resultados, privilegia o processo de interação entre pesquisadoras e os sujeitos pesquisados, visando apreender os sentidos, valores e conhecimentos, estabelecidos entre ambos. Referente ao enfoque etnográfico, Sousa corrobora dizendo que [...] as realidades são distintas e não podem ser comparadas; importante para a pesquisa é mergulhar nas realidades para conhecê-las. “A interação é o meio que possibilita compreender os papéis e lugares sociais ocupados, valores e atitudes envolvidos nas situações forjadas na e pela pesquisa”. (SOUSA, p. 20, 2011). No tocante aos resultados, na prática juvenil *Rap*, encontramos algumas mulheres MCs (Mestre de Cerimônia - cantoras de *Rap*), ainda em número pequeno. Parte delas divide o palco e o microfone com MCs do gênero masculino. Suas participações são mínimas, e se configuram pelo canto de duas e, no máximo, três músicas da faixa do CD produzido pelos homens integrantes dos grupos estudados. Em Teresina, atualmente, não encontramos grupos de *Raps* formados somente por mulheres. Em outras cidades, há casos raros, sendo exemplo o grupo “Atitude Feminina” da cidade de Brasília - DF. Referente à prática de dança *Break* predomina a visão de mulher aprendiz e pouco habilitada para competições de grande porte, como exemplo as batalhas, que são as competições de dança *Break* entre as *Crews*. Nas batalhas, há grande predominância do gênero masculino e as mulheres dificilmente entram nelas. É possível encontrar uma ou outra, mas as competições sempre são centradas na figura masculina. Uma prática bastante comum nas batalhas, quando há presença razoável de *B' Girls* são as competições divididas entre os gêneros: *B'boys* contra *B'boys* e *B' Girls* contra *B' Girls*. Por que não realizar uma batalha mista, *B'boys* contra *B' Girls*? A mulher praticante da dança *Break* não estaria suficientemente preparada para competir com os jovens homens? Ela não teria habilidade e capacidade igual ou até mesmo superior de suscitar passos inusitados e movimentos provocantes exigidos nas competições entre as *Crews*? Percebe-se claramente nos depoimentos e nas atitudes dos jovens homens praticantes do movimento *Hip Hop*, a visão de superioridade do gênero masculino sob o feminino. Constatamos, então, que é no decorrer das experiências vividas que aprendemos, nos mais diversos espaços de socialização, valores que, por vezes, são dicotômicos ao explicar o que é ser homem e ser mulher. Essa dicotomia, segundo Vianna e Neves (2006), entre o masculino e o feminino, se apresenta de forma excludente e hierarquizada, na qual os valores e os significados femininos ocupam um lugar inferior. Os meninos/rapazes são, na maioria das vezes, considerados como aqueles que possuem a capacidade inata de liderar, de comandar e representam o lado forte nas relações; às meninas/moças são atribuídas características mais frágeis, mais caracterizadas pela sensibilidade. Scott (1995), Louro (1997) e Meyer (2000), ao detalharem o modo de teorizar o gênero, pontuam a importância da articulação entre gênero e educação, ampliando a noção de educação para além de processos familiares e/ou escolares. Educar, neste caso, engloba um complexo de forças e de processos no interior dos quais os indivíduos são transformados, e estes envolvem estratégias sutis e refinadas de naturalização que precisam ser reconhecidas e problematizadas.

Palavras-chave: Juventudes. Gênero. *Rap*. *Break*.

Referências:

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. NETZ, Sandra. (trad.). 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis. Vozes. 2005.

SOUSA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP HOP**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.